

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

JACKELINE NUNES DA SILVA CORREA

**A LOUCURA EM *O GRANDE MENTECAPTO* DE FERNANDO
SABINO**

JARDIM
2011

JACKELINE NUNES DA SILVA CORREA

**A LOUCURA EM *O GRANDE MENTECAPTO* DE FERNANDO
SABINO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Letras (Habilitação- Port./Inglês) da Universidade Estadual de Mato do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araujo

JARDIM

JACKELINE NUNES DA SILVA CORRÊA

CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A LOUCURA EM O GRANDE MENTECAPTO DE FERNANDO
SABINO**

APROVADA EM:

Orientador: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araujo

2º EXAMINADOR

3º EXAMINADOR

Tudo o que chega, chega sempre.

Por alguma razão.

(Fernando Sabino)

À minha mãe Neide, dedico esta conquista...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me iluminou nesta caminhada;

A minha mãe Neide, que me incentivou a estudar e correr atrás dos meus sonhos, então devo a ela esta realização.

De maneira especial a meu esposo Isael, que sempre me apoiou.

A minha irmã Joseane, pelas palavras de apoio e incentivo; ao meu irmão José, razão da minha vida.

A minha orientadora Prof^a Dr^a Susylene Dias Araujo, pela orientação em todo o processo de construção e realização da pesquisa.

A todos da sala, especialmente a Zenilda, Leôncio, Lídia e Rosângela pelo incentivo e momentos bons que passamos.

A todos os professores da UEMS, especialmente aos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise das ações do personagem Viramundo, protagonista do livro *O Grande Mentecapto* de Fernando Sabino. A partir do aporte teórico dos estudos sobre a loucura, foi possível compreender que esta surge a partir do oposto daquilo que a sociedade considera normal. No entanto, identificamos que além de doença, a loucura pode ser uma manifestação da sociedade em relação a determinadas condutas que por ela são consideradas “anormais”, o que geralmente é assunto das artes, especialmente da literatura. Com essa intenção, o livro de Fernando Sabino revela a seus leitores que o personagem Viramundo, rotulado em suas andanças, ao contrário de ser louco pode ser compreendido apenas como uma vítima de preconceito.

Palavras chaves/ 1- Literatura brasileira 2-Fernando Sabino 3-Loucura ficcional

ABSTRACT

This study aims to analyze the actions of Viramundo character, the protagonist of the book *The Great morons* Fernando Sabino. From the theoretical basis of studies of madness, it was possible to understand that this arises from the opposite of what society considers normal. However, we found that in addition to disease, madness may be a manifestation of society in relation to certain conduct that it is considered "abnormal", which is usually the subject of the arts, especially literature. With this intention, the book by Fernando Sabino reveals to his readers that the character Viramundo, labeled in his wanderings, as opposed to being crazy can be understood only as a victim of prejudice.

Keywords: 1 - Brazilian Literature 2-Fernando Sabino 3-Fictional madness

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	12
Biografia de Fernando Sabino.....	12
1.1- Fernando Sabino e Mário de Andrade.....	15
CAPÍTULO II.....	17
Estudo da Personagem.....	17
2.1-A loucura como motivação das personagens.....	19
CAPÍTULO III.....	22
Análise do romance.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS	28
Anexo A-Foto de Fernando Sabino.....	29
Anexo B-Capa do livro O grande Mentecapto.....	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer um estudo do romance *O Grande Mentecapto* do escritor Fernando Tavares Sabino, concentrando a leitura analítica na composição do personagem protagonista, Geraldo Viramundo.

Vivemos em uma sociedade que nos julga por nossos comportamentos, e não pelo que somos ou almejamos ser, que vive seguindo modelos de conduta, e quem não os segue é excluído, julgado. Tomando por base o comportamento do personagem Geraldo Viramundo indivíduo considerado “anormal”, traçaremos um perfil do conceito de loucura, essencial para análise do personagem protagonista da obra em questão, visando questionar suas atitudes. O trabalho foi dividido em três capítulos, na seguinte ordem:

No primeiro capítulo fizemos uma breve introdução sobre a biografia do escritor Fernando Sabino relatando sua vida, as obras de destaque e o movimento literário a que pertence.

No segundo capítulo tratamos do personagem, e suas bases teóricas na construção da obra literária, sua classificação em protagonistas, antagonistas e personagens secundárias, bem como o seu modo de ser na narrativa. Também fizemos uma breve introdução sobre a loucura na literatura, definindo-a de duas formas: a primeira, como uma manifestação de doença e a segunda como uma forma da sociedade definir aqueles a quem ela não consegue manipular, ou controlar, ou seja, a loucura representa não só uma doença mental como também os atos de uma pessoa que não se submete a seguir regras da comunidade onde vive, sendo estigmatizada pela sociedade. Portanto, louco seria todo aquele que se encontra numa posição contrária à corrente do pensamento da massa, aquele cujo discurso é diferente dos demais. Esse indivíduo, como uma forma de proteger as bases do poder, acaba excluído e considerado perigoso. Partindo do ponto de vista de que a loucura nem sempre representa doença, mas sim, um estigma, para aqueles que se afastam das normas, e buscam viver segundo aquilo que acreditam, foi feito um apanhado do seu percurso na literatura, como ela surge e vai sendo estudada, definida e representada nas obras literárias, surgindo na literatura como uma forma de se fazer crítica perante a sociedade. Para esse capítulo, utilizamos como referencial teórico os textos de Beth Brait, Cândida Vilares Gancho, Antonio Cândido, Anatol Rosenfeld, Décio Almeida Prado,

Paulo Emilio Sales Gomes, Michel Foucault, João Augusto Frayze Pereira e Luzia de Maria Rodrigues Reis.

Como finalização do trabalho, no terceiro capítulo fizemos a análise do romance em questão, focando o personagem protagonista Geraldo Viramundo. A partir do tema escolhido, a loucura será explorada para que se perceba a composição dessa personagem, e assim concluirmos se o personagem é visto pelas pessoas, como ele realmente é por dentro.

CAPÍTULO I

BIOGRAFIA DE FERNANDO SABINO

Fernando Tavares Sabino foi escritor, cronista, romancista, editor, produtor, diretor de filmes e jornalista brasileiro, nasceu em Belo Horizonte em 12 de outubro de 1923 e morreu em 11 de outubro de 2004, na cidade do Rio de Janeiro e desde cedo manifestou sua vocação para a carreira de escritor. Filho de Domingo Sabino e de Odete Tavares Sabino, o menino Fernando Sabino, aprendeu a ler com a própria mãe e em 1930 ingressou no curso primário do Grupo Escolar Afonso Pena, tendo como colega Hélio Pellegrino, que já era seu amigo dos tempos do Jardim da Infância. Em 1934, entrou para o escotismo, onde permaneceu até os 14 anos.

Disse ele em sua crônica "Uma vez escoteiro":

"Levei seis anos de minha infância com um lenço enrolado no pescoço, flor-de-lis na lapela e pureza no coração, para descobrir que não passava de um candidato à solidão. Alguma coisa ficou, é verdade: a certeza de que posso a qualquer momento arrumar a minha mochila, encher de água o meu cantil e partir. Afinal de contas aprendi mesmo a seguir uma trilha, a estar sempre alerta, a ser sozinho, fui escoteiro — e uma vez escoteiro, sempre escoteiro". ¹SABINO, 2011.

Aos 13 anos escreveu seu primeiro trabalho literário, um conto policial publicado na revista Argus, e na sequência dessa primeira emoção veio o desapontamento, pois o nome do autor na revista constava como Fernando Tavares "Sobrinho". Na adolescência, foi locutor de programa de rádio e começou a escrever crônicas e contos em revistas da cidade, obtendo prêmios em concursos.

Em 1938, ajudou a fundar um jornalzinho chamado *A Inúbia*. Nadador, em 1939, bate vários recordes em sua especialidade: o nado de costas e ganha inúmeras medalhas em campeonatos nas cidades de Uberlândia, São Paulo e Rio de Janeiro. Participou da Maratona Nacional de Português e Gramática Histórica, empatando com Hélio Pellegrino

¹-Projeto Releituras. Biografia de Fernando Sabino: Disponível em: <[http://www.revista.agulha.nom.br/fernado Sabino.html](http://www.revista.agulha.nom.br/fernado%20Sabino.html)>>.

no segundo lugar, viajaram juntos ao Rio para receber em sessão solene o prêmio das mãos do mineiro Gustavo Capanema, então Ministro da Educação. Aprendeu taquigrafia, em 1940, para escrever mais depressa. Começou a ler, com grande obstinação, os clássicos portugueses a partir dos quinhentistas Gil Vicente e João de Barros, entre outros e indo até os romancistas como Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco. Antes de chegar a Eça de Queiroz e a Machado de Assis, aos 17 anos, estava decidido a ser gramático. Escreveu um artigo de crítica sobre o dicionário de Laudelino Freire, que teve o orgulho de ver estampado no jornal de letras "Mensagem", graças ao diretor Guilhermino César, escritor mineiro que se tornou amigo de Fernando Sabino e seu grande incentivador.

Ainda na adolescência, em 1941, Sabino publicou seu primeiro livro de contos: *Os grilos não cantam mais*. Prestou serviços ao exército Brasileiro como oficial de cavalaria, entrou para a faculdade de Direito terminando o curso em 1946 na Faculdade Federal do Rio de Janeiro, deu aulas de Português, trabalhou em Nova York e voltou para o Brasil. Mudou-se para o Rio, assumindo o cargo de Oficial do Registro de Interdições e tutelas da Justiça do Distrito Federal. Conheceu pessoalmente o poeta Carlos Drummond de Andrade, dele se tornando amigo através de correspondência e, mais tarde, no Rio, de convivência. Participou da delegação mineira no Congresso Brasileiro de Escritores em São Paulo, no ano de 1945, e durante a sessão plenária de encerramento, em desafio à polícia ali presente, sugeriu ao público que fosse lida a Moção de Princípios proclamada pelo Congresso, exigindo do ditador Getúlio Vargas a abolição da censura e a restauração do regime democrático no Brasil, com convocação de eleições diretas. Conheceu Clarice Lispector, dando início a uma intensa amizade.

Em 1946 foi para Nova York com Vinicius de Moraes onde morou por dois anos com sua primeira esposa Helena Sabino e sua filha Eliana Sabino, lá ele iniciou o romance *O Grande Mentecapto* que só viria a continuá-lo 33 anos depois, terminando-o com 18 dias e lançando-o em 1976, onde narra relatos das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações, livro do qual serviu de base para um filme de Oswaldo Caldeira de igual sucesso, e que ele recebeu o prêmio Jabuti para romance, (São Paulo, 1980).

Em 1947, enviou crônicas de Nova York para serem publicadas aos domingos nos jornais "*Diário Carioca*" e "*O Jornal*", do Rio, que foram transcritos por diversos jornais do resto do país. Começou a escrever *Ponto de Partida* (romance), e outro, *Movimentos*

Simulados, os quais não chegou a concluir, mas que foram aproveitados em *Encontro Marcado*. Realizou uma série de entrevistas com Salvador Dali e faz reportagem sobre Lazar Segal. Em 1952 lançou o livro de novelas *A Vida Real*. Segundo Luciana Stegagno Picchio (1997), com o romance *O Encontro Marcado*, Sabino se tornou um dos escritores mais significativos da década de 50. Publicado em 1956, o livro ganhou edições no exterior, sendo adaptado até para o teatro. Com esse romance, Fernando Sabino abre a sua carreira um caminho novo dentro da literatura nacional. Foi exonerado, a pedido, em 1957, do cargo de escrivão, passando a viver exclusivamente de sua produção intelectual como escritor e jornalista. Nessa atividade, viajou muito para o exterior, conhecendo países da América, da Europa e do Extremo Oriente e escrevendo suas experiências em crônicas e reportagens para jornais e revistas. Foi adido cultural em Londres, fundador da editora Sabiá. Passou a dedicar-se também ao cinema realizando em 1972 em Los Angeles com David Neves uma série de minidocumentários sobre Hollywood para a TV Globo.

Outras obras de destaque:

-*A marca*

-*O menino no espelho*

-*Amor de Capitu*

-*o homem nu*

-*O bom ladrão*

-*o menino no espelho*

-*a faca de dois gumes*

-*à volta por cima*

-*livro aberto*

-*O tabuleiro de damas*

Em 1991, ele lançou o livro *Zélia, Uma Paixão*, Em 1995, biografia autorizada de Zélia Cardoso de Mello, Ministra da Fazenda no governo Collor, com tratamento literário. Os escândalos em sua vida privada e sua saída do governo foram motivo de grande repercussão entre os brasileiros, criando clima hostil ao escritor. Em 1995 a Editora Ática relançou a seleção, revista e aumentada, de *A Vitória da Infância*, com a qual

Fernando Sabino reafirmou sua determinação ao longo da vida inteira de preservar a criança dentro de si. Ou, como ele mesmo escreveu: "Quando eu era menino, os mais velhos perguntavam: o que você quer ser quando crescer? Hoje não perguntam mais. Se perguntassem, eu diria que quero ser menino". (site: www.revista.agulha.com.br).

O autor faleceu dia 11 de outubro de 2004 no Rio de Janeiro. A seu pedido, seu epitáfio é o seguinte: *Aqui jaz Fernando Sabino, que nasceu homem e morreu menino*. Carlos Heitor Cony em seu artigo para o jornal *Folha de São Paulo* comentou:

Com a sua morte, perdemos um ser humano adorável, alegre, gozador, sério, solidário. Um escritor que ficará para sempre entre os nossos maiores. E eu, de minha parte, perdi o amigo que me telefonava, falando num jato coisas bonitas e gostosas, que me alegravam e edificavam. Uma de minhas glórias foi no dia em que passei pela alfândega e cismaram com minha mala. Um fiscal liberou-me, pensando que eu fosse Fernando Sabino. E comentou para os colegas dele: "Ele é gente boa!". ²(CONY,2004)

1.1 Fernando Sabino e Mário de Andrade

Mário de Andrade foi um grande escritor, conheceu Sabino por cartas, se tornando amigo dele e um dos críticos de suas obras, sempre lhe propondo soluções para seus escritos. Iniciaram a amizade por correspondências, quando Sabino teve a ousadia de presentear Mário com o seu primeiro livro de contos *Os grilos não cantam mais*; e essa amizade durou até a morte de Mário. Em sua primeira carta recebida em 10/01/42, Mário lhe perguntou a idade, e sugeriu a Sabino: "Se você quiser continuar sendo escritor, antes de mais nada tem que encurtar o nome." E assim Sabino tirou o Tavares do seu sobrenome. Ao saber da idade de Sabino, ele ficou entusiasmado e viu nele um grande artista que tinha um futuro promissor como escritor. Sabino passou assim a ser orientado por Mário que lhe deu dicas que levaram o jovem escritor para uma literatura modernista, como podemos ver no trecho da primeira carta: "Com um bocado mais de apuro estilístico e de conhecimento técnico da linguagem, das linguagens populares do Brasil, você chegará a ótimo, talvez grande escritor. De uma língua que já é indiscutivelmente, nacional" (SABINO, 2003).

Desde o início Sabino é instruído para que sua escrita se aproximasse a de Machado de Assis (Andrade, p.15) "você tem que trabalhar dia por dia, como um Machado de

² Folha de São Paulo, 13/10/2004.

Assis”. E Sabino seguiu a risca os conselhos dados, tanto que Luciana Stegagno Picchio nos fala sobre esse lado machadiano de Sabino em seu livro *História da literatura brasileira*: “Sabino confirma seus dotes de escritor machadiano” (1997, p.636). Mário apontou pontos positivos e negativos nas obras de Sabino, conforme Alcino Leite Neto disse: “Embora generosos, os conselhos de Mário não são paternalistas. Ele é mesmo cruel, da maneira como sabia ser, sem imprimir um tom de ofensa à sua crueldade”. (folha online, 2003)

Alcino ainda falou em seu artigo no *jornal Online*, que Sabino é afinal um escritor, que fascinou mais os leitores, do que a principal crítica do país. O conjunto de sua obra, de mais de 20 livros, ainda aguarda uma avaliação honesta, firme e generosa, como a que foi feita nos anos 40 por Mário de Andrade e que depois, nunca mais ninguém se dispôs a realizar de fato.

CAPÍTULO II

ESTUDO DA PERSONAGEM

Neste capítulo nos reportaremos a um breve estudo sobre a personagem, para destacar sua definição, classificação e criação dentro do enredo, e para isto tomaremos como base alguns estudos como os de Cândida Vilares Gancho, Beth Brait, Anatol Rosenfeld, Antonio Cândido e Décio de Almeida Prado, para assim definirmos os comportamentos do personagem Viramundo que será analisado no capítulo três.

Na seqüência faremos uma breve introdução sobre a loucura para entendermos como o tema é visto na sociedade desde o seu surgimento quando conceituada por teóricos como Michel Foucault, João A. Frayze Pereira e Luzia de Maria.

Segundo Cândida Vilares Gancho (1997) o personagem não passa de um ser fictício responsável pelo desenrolar do enredo, ou seja, é quem produz a ação, não tem vida, é inventada. Em sua classificação, Cândida Vilares Gancho divide os personagens em protagonista, antagonista e personagens secundárias:

- Protagonistas: personagem mais importante da história, a história gira em torno dele.
 - Herói: é o personagem principal da história, o protagonista.
 - Anti-herói: é aquele que é inferior aos outros mas que se apresenta ali como herói, sem empenho para tal papel.
- Antagonistas: atua em sentido oposto, é o personagem mal da história, que atrapalha o herói.
- Personagens secundárias: são os personagens que não tem muita importância, mas que ajudam no desenrolar da história.

Os personagens ainda podem ser classificados quanto ao seu modo de ser na narrativa como:

Planos: aqueles personagens que não mudam seu modo de agir, não têm evolução. Os dois tipos de personagens planos mais conhecidos são:

- tipo: que representa um grupo podendo ser social ou profissional.

-caricatura: que é o personagem ridículo e que é conhecido por ser de tal modo, sendo encontrados em histórias de humor.

Redondos: aqueles que surpreendem o leitor, complexos, com muitas qualidades ou tendências.

Para Beth Brait a definição do personagem feita por um dicionário comum não esclarece muito e para explicitar essa definição a autora recorre ao dicionário enciclopédico das ciências da linguagem organizado por Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov, no qual aparece um item pertinente na questão da personagem e sua definição como um ser de papel que representa uma pessoa real, não existindo fora das palavras.

Conforme Beth Brait para se criar o personagem precisamos de um narrador seja ele em terceira pessoa ou em primeira pessoa, sendo o narrador um informante das personagens e suas características e como uma câmera vai apresentando a personagem. O narrador é um observador, e a partir dele vai se criando o personagem. Beth Brait diz ainda que: “O narrador em terceira pessoa simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos preciosos que interessam ao andamento da história e a materialização dos seres que a vivem”. (1993, p.56), ou seja, ele vai nos dando informações importantes para assim compreendermos o personagem em um determinado enredo.

Anatol Rosenfeld sustenta que o personagem constitui a ficção, tornando a mais verdadeira (patente), e abre caminhos para a camada imaginária se fixar. Sobre a diferenciação entre pessoa e a personagem Rosenfeld diz que “A nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais, é extremamente fragmentária e limitada.” (2005, p.24), ou seja, em relação ao ser humano, mesmo que vejamos o seu exterior, não conseguimos decifrar o seu interior, que é um mistério, e já a personagem tem traços definidos e definitivos, interiores e exteriores, que não encontramos em uma pessoa por mais que convivamos com ela.

Antonio Candido ao falar da personagem do romance reconhece sua ligação com o enredo, e é ela, quem o torna vivo, e assim não existe enredo sem personagem. Ele ainda diz que: “Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” (1968, p.40). É necessário assim que existam afinidades e diferenças entre o ser vivo e o fictício para haver a verossimilhança. Para Candido o romancista nos leva para dentro da personagem, ele nos faz conhecer o interior desta, ou seja, aquilo que

não conseguimos encontrar no outro, onde só vemos o exterior, ou seja, uma das funções da ficção é a de nos promover um conhecimento mais sólido, mais coerente da personagem, ou seja, mais firme que aquele que temos dos seres.

Décio de Almeida Prado começa dizendo que a personagem no romance mesmo que sendo principal é mais uma entre as outras, e no teatro acontece o contrário elas são a totalidade da obra, pois sem elas não existe nada. O crítico ressalta que assim como no romance, o teatro fala do homem usando-o em cena através do ator.

Segundo Paulo Emilio Sales Gomes (1968, p.81) “A personagem do cinema afasta-se o máximo possível do narrador e age livremente, através do diálogo definindo-se e revelando-se”.

Assim, a personagem tem várias definições e se apresenta no enredo através do narrador , tornando-a assim, um ser transparente, verdadeiro na obra.

2.1 A Loucura como motivação na literatura

Segundo Michel Foucault no final da Idade Média, em torno do século XV, a lepra que aterrorizava por ter se espalhado no mundo Ocidental, finalmente desaparecia, e os lugares destinados a isolar os leprosos da sociedade em geral, ficaram vazios e sem utilidade. Ele diz: “A lepra se retira, deixando sem utilidade esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la, mas sim a mantê-la a uma distância sacramentada, a fixá-la numa exaltação inversa” (Foucault 1978, p.9).

Assim ao invés de se tratar estas pessoas, elas eram mantidas como prisioneiras, isoladas de todos, sem tratamento algum. No final do século XV a loucura passa a ser tratada nos mesmos locais em que os leprosos eram isolados, e, conseqüentemente aprisionados. Juntamente com eles eram levadas as prostitutas e os criminosos. Na Renascença surge a nau dos loucos que simbolizava uma viagem em busca da verdade, os barcos transportavam os loucos para fora da cidade, os excluindo da sociedade, e abandonando-os à própria sorte, exilados. E ainda nos diz: “Existiram, esses barcos que levavam sua carga insana de uma cidade para outra. Os loucos tinham então uma existência facilmente errante. As cidades escorraçavam-nos de seus muros.” (1978, p.13), Foucault relata que o tema da loucura na literatura, surgiu como crítica como expressão da tirania, como uma forma de se manifestar. Comentando sobre isso diz: “A denúncia da

loucura torna-se a forma geral da crítica. Nas farsas e nas sótias, a personagem do Louco, do Simplório, ou do Bobo assume cada vez maior importância” (1978, p.18).

João A. Frayze Pereira em seu livro *O que é a loucura* conceitua doença mental como:

Doença mental assume a feição de uma entidade natural manifestada por sintomas”. Por exemplo: “alterações” do pensamento, da linguagem, da motricidade, da emotividade etc. Estas são agrupadas pela medicina mental em conjuntos coerentes cuja análise busca revelar a essência da doença. (PEREIRA, 1982, p.16)

No livro, o psiquiatra fala de sintomas com relação ao paciente quando este fala consigo, com os outros e com o mundo, quando ele diz por exemplo que é o Messias, ou que vê marcianos, isto pode ser considerado sintomas de doença mental se o médico julgar que aquilo não é normal, não é verdade, ou seja, Frayze diz: “o julgamento “X é um sintoma mental” pressupõe implicitamente que as idéias, conceitos ou crenças do paciente são comparadas com as do observador e da sociedade em que ambos vivem” (1984, p.23). Ele nos fala que a loucura é manifestada em uma pessoa quando esta se apresenta contrária a uma maneira de ser, ditada pela sociedade como “normal”, ou pelo médico que a observa.

Segundo o antipsiquiatra Thomas Szasz a definição de doença mental está unida ao todo, a sociedade e seu contentamento, suas normas por ela ditadas como “normal”. Tudo que foge desse contexto se torna anormal e diagnostica-se aí como loucura. Frayze cita uma antropóloga americana Ruth Benedict, que relata a cultura como forma de imposição aos seus membros certos modelos de conduta, portanto, aqueles que aceitam são favorecidos, e os que não aceitam são os “anormais”. Ou seja, o que pra nós é considerado “normal”, para uma outra cultura pode ser considerado “anormal”, como João A. Frayze Pereira diz:

Cada sociedade forma da doença um perfil que se desenha através do conjunto das possibilidades humanas enfatizadas ou reprimidas culturalmente. São aberrantes os indivíduos cujos comportamentos não são confirmados nas instituições da cultura de que fazem parte. (PEREIRA, 1982, p.27)

Luzia de Maria nos fala em seu livro: *Sortilégios do avesso* sobre a figura do louco na literatura, o qual na idade média era excluído da sociedade, confinados em navios eram levados de uma cidade para outra, o que se tornou objeto atraente para pintores e escritores. Também fala sobre a trajetória da loucura que no século XVII chama a atenção do estado para si, conforme Luzia de Maria nos diz: “O estado se apercebe da necessidade

de ocupar-se dos marginais, dos loucos e vagabundos. Cumpre descobrir entre eles os que podem ser inseridos na força de trabalho produtiva” (1980, p.19).

Os loucos que constituíam perigo e que não tivessem famílias eram mandados para as cabanas construídas para abrigá-los, e ficavam em jaulas de madeira. Muitas obras da época retratam essa exclusão dos loucos para o incerto, os mares, como a tela *A Nau dos Loucos*, de Hieronymus Bosch, que apresenta os vagabundos, desocupados, e miseráveis que se juntavam aos loucos e eram expulsos de suas cidades. Luzia fala que a civilização babilônica: “associava á loucura á presença de entidades sobrenaturais atuando no espírito humano” (1980, p.31) eles acreditavam que a loucura estava associada a um demônio que era chamado de Idta, acreditavam que todas as doenças mentais eram causadas por um determinado demônio, eles então recorriam a feiticeiros e sacerdotes para tratarem, já que a medicina da civilização babilônica era mágica e religiosa.

Hipócrates foi a primeira pessoa a se preocupar em tratar os loucos, ele tentou explicar a loucura e as doenças como naturais. A loucura a partir daí começa a ser vista como doença. No século XIV os doentes mentais sofrem mais uma vez quando a igreja católica os perseguem por serem anormais, são considerados herejes, e como punição são queimados, eles acreditavam que o louco era possuído por demônios, eles eram denunciados e punidos conseqüentemente, como podemos constatar:

O cristianismo se vê na defensiva, e para tal, lança mão da mais violenta das práticas. Heréticos, mulheres tidas como feiticeiras, infelizes de todas as categorias e, entre eles, levas de doentes mentais, ardem nas fogueiras da inquisição. (LUZIA DE MARIA, 1980 , p.50)

Luzia de Maria(1980, p.59) cita Descartes nas seguintes palavras que definem o louco: “é, portanto, para Descartes, aquele que trás a marca da diferença no grupo dos outros, que, por sua vez, é de certa forma universal.”

Os loucos eram submetidos a prisões, internações, e tratamentos desumanos, se não tivessem parentes deviam ser presos. Com a industrialização o estado precisa de mão de obra e aquele que não servia pelo seu estado mental, junto com eles os alcoólatras, os vagabundos, prostitutas deviam ser banidos, isolados da sociedade, para não causar a desordem. No século XVIII filósofos, escritores e artistas falam e buscam decifrar a interioridade humana.

No sentido de que o Romantismo é uma tomada de posição em protesto contra uma situação vista como negativa, aproximar-se do louco é quase conseqüência

da situação deste em relação á sociedade burguesa: ele é o marginal por excelência, aquele que está aquém e além das relações de produção que são o alicerce básico daquela sociedade. Deste ponto de vista o louco é aquele que não se enquadrou no sistema desumanizador. Assim,ele é um ser íntegro.(LUZIA DE MARIA, 2005, P.75)

CAPÍTULO III

ANÁLISE DO PERSONAGEM VIRAMUNDO

Neste capítulo faremos a análise do personagem Viramundo do romance *O grande Mentecapto*, de Fernando Sabino, explorando seu comportamento pouco normal, que nos remete a idéia da loucura.

Geraldo Boaventura, mais conhecido como Viramundo, era o caçula de 13 irmãos. Nascido em Rio Acima, cidade fictícia, de família pobre, teve uma infância normal e como todas as crianças brincava e aprontava travessuras. Certo dia, apostando com os amigos suas preciosas bolas de gude, colocou-se a frente do trem e conseguiu o prodigioso ato de fazê-lo parar, o que não aconteceu com Pingolinha, criança de cinco ou seis anos que quis imitá-lo também, e acabou atropelado pelo trem. Como consequência veio a revolta dos pais e conhecidos do menino, marcando profundamente o menino Viramundo, que segundo o narrador, “nunca mais se misturou com os outros. Afastou-se até dos irmãos e andava sempre sozinho, pelos cantos, ensimesmado e pensativo.” (2004, p.25).

Aos 18 anos Viramundo foi para o seminário. Em certa ocasião em que seus pais hospedaram o padre Limeira em sua casa, Viramundo foi se interessando pela vida de Padre e se influenciou. Aprendendo ao seu modo o que o padre lhe ensinou, deixou Rio Acima para ir pro seminário e por lá se meteu em encrencas e acabou expulso da cidade, o que colocou fim nos seus sonhos com a batina.

Foi aí que Geraldo Boaventura, se tornou Viramundo. O personagem sofre uma transformação ao ser expulso do seminário de Mariana, ele poderia voltar para a casa dos pais em Rio Acima, mas prefere sair pelo mundo em busca de algo que nem ele mesmo sabia o que era, e assim começa a andar peregrinando pelas cidades de Minas Gerais, passando assim a ser chamado de Viramundo. Conforme Sabino, o narrador ao falar do apelido Viramundo diz: “pelo menos no meu fraco entender, virar o mundo só pode querer dizer largar-se por suas estradas, entregar-se ao destino errante de percorrê-lo.” (2004, p.51).

Como podemos perceber, seu apelido já nos diz que ele é alguém sem destino certo, que anda por aí, vagando como se fosse um louco. Após dez anos que não se sabe ao certo onde ele passou, Viramundo aparece em Ouro Preto agora com 28 anos e em péssimas condições como o narrador diz: “Reencontro-o em péssimas condições. Paletó

esmolambado, calças de brim ordinário pescando siri, perambulava pelas ruas, alimentando-se só Deus sabe como e dormindo Só Deus sabe onde.” (2004, p.57). Essa descrição é o primeiro sinal de insanidade de Viramundo, que vivia em meio aos mendigos, não trabalhava, andava por aí sem destino certo. Sobre estas atitudes, e de acordo com João Frayze Pereira (1982, p.20), podemos pensar que “Designa-se louco o indivíduo cuja maneira de ser é relativa a outra maneira de ser. E esta não é uma maneira de ser qualquer, mas a maneira normal de ser”. Ou seja, o normal, seria aquilo que nos é imposto pela sociedade e estado como modelos de conduta a ser seguidos por todos, portanto quem não aceita é considerado “anormal”. João Frayze (1982, p.67) ainda diz: “Através da instituição do internamento, que nasceu de uma inquietação com a pobreza, a loucura é percebida no campo formado pela própria miséria, pela incapacidade para o trabalho e pela impossibilidade de integrar-se no grupo.”

Viramundo passa por inúmeras situações cômicas e humilhantes, e se torna uma espécie de anti-herói. São vários os apelidos que recebe em suas andanças, alguns pejorativos como: Geraldo Virabosta, sem Eira nem Beira, Furibundo, o que revela como este homem era visto pelas pessoas, desvalorizado, pela sua condição de louco.

Viramundo vive inúmeras peripécias e uma de suas melhores aventuras fica por conta da paixão nutrida pela filha do governador Ladisbão que começa quando ele a vê pela primeira vez, e acreditava que ela correspondesse a seu amor, conforme o narrador relata:

Viramundo já se via diante daquela que seria a sua amada a vida inteira. E já se sentia correspondido, entregando-se ali mesmo a uma paixão mais cega do que o velho Elias, a quem imediatamente desistiu de visitar. Só de pensar na distância que o separava de sua amada.(SABINO, 2004, p.65)

Certa vez, foi convidado para atuar, embora sua participação na peça “Inconfidência Mineira” tenha sido um fracasso e ele acabou apanhando dos estudantes no palco na frente de sua amada Marília Ladisbão, devido a uma exaltação por parte dele que teria que dizer apenas duas palavras, mas acabou se excedendo. Percebe-se aqui a ingenuidade de Viramundo, e como se aproveitaram dele os estudantes dando-lhe um papel de alguém que ninguém queria ser. Dionísio com pena da situação de Viramundo escreve uma carta de amor para alegrá-lo, levando-o a pensar que a carta era de Marília Ladisbão. Esse amor acaba levando Viramundo a vários lugares, em busca de um olhar de sua amada.

Ele foi parar no hospício por duas vezes, e candidato a prefeito de Barbacena e só não foi as eleições, por que não tinha cumprido seu dever para com a pátria, assim sendo

levado pela policia a Juíz de Fora, e depois de algum tempo acaba sendo devolvido a vida civil por ser incapaz para a vida militar. Foi preso em Tiradentes e mais uma vez se aproveitam de sua ingenuidade e lhe aplicam um golpe, João tocó que estava preso pede a Viramundo que lhe ajude a sair dali ficando em seu lugar, para ele rever sua família e que logo voltaria e nunca mais voltou.

As pessoas julgavam Viramundo pela sua aparência, pelo seu modo de agir, e o julgavam um louco, um bobo, que podiam enganar e submetê-lo as suas vontades para lhe tirar proveito. Há uma crise de identidade por parte dele que dizia ser seu nome *José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva*, quando na verdade era Geraldo Boaventura. Ele produz esse nome fictício para si, ao sentir-se humilhado, ou menosprezado usa esse nome como se fosse um nome importante, de destaque, grandioso. Neste trecho do livro podemos perceber como ele era visto pelos outros:

Percebendo logo que se tratava de um pobre-diabo sem eira nem beira [...], via nele a pessoa ideal para ficar morando de vigia no casarão do Matola-tarefa que ninguém na cidade se abalçava a cumprir, pois além de praticamente abandonado, diziam mesmo que o lugar era habitado por assombrações... (SABINO, 2004, p.143).

Viramundo é destacado na obra por qualidades que o fazem ser uma pessoa honesta, sem maldade, desapegada aos bens materiais e algumas vezes ingênuo. Não trabalhava e não possuía nada, apenas: “Um rolo de barbante, uma escova de dente, um terço arrebetado, um toco de lápis, um pedaço de pão seco, vários recortes de jornais meio esfrangalhados, um lenço vermelho e uma caderneta de nota velha e ensebada.” (2004, p.61). Sempre vítima das pessoas que lhe cercam, Viramundo se habilita para fazer as mais diversas tarefas de baixo nível, como ser caseiro de um prostíbulo, morar em uma casa mal-assombrada, lavar cavalos.

Percebemos que a loucura na obra é representada pelas atitudes inesperadas das pessoas, e todos possuem um pouco dessa loucura. Quando os habitantes de Mariana se rebelam contra a viúva Peidolina, dizendo que o marido dela tinha ressuscitado e que para se vingar da traição, todos agiram de forma violenta. O Capitão Batatinhas demonstra ser doido a atos insanos dos personagens vão se repetindo até mesmo quando Viramundo, em sua ida para o manicômio, conversa com o diretor do hospício, um homem que se revela mais doido do que o próprio Viramundo. O diretor parece desconhecer a doença mental em sua real condição e dá o seu diagnóstico considerando atitudes “normais” como “anormais”,

questionando até mesmo a identidade das pessoas, conforme se revela no trecho a seguir: “-Você o que é, meu filho?” (2004, p.86), e quando Viramundo diz ser ele mesmo, o Dr. fica inconformado com a resposta pois ele precisa dar seu diagnóstico de loucura e para isto precisa que Viramundo fale que é outra pessoa.

-Não pode. Se você fosse mais você, não estaria aqui. Você é menos você, isso sim. E nove fora, zero. Se eu fosse você, seria alguém mais, não seria eu. Portanto, você tem de ser alguém. Basta escolher. (SABINO, 2004, p.87)

Desta forma podemos concluir que a loucura atribuída a Viramundo, é vista pela sua resistência a viver de acordo com as normas estabelecidas pela sociedade, de ser presa a alguma coisa, de falar o que pensa, pelo seu modo de agir, e por não ser apegado a coisas materiais. Ao se deixar levar pelo destino incerto e por ser julgado pela aparência Viramundo não se revela como realmente é por dentro. Luzia de Maria fala que:

A figura do louco traz decalcada na frente o horror da agressão, as marcas da violência que sobre ela os tempos foram registrando, torna-se assim o personagem ideal para se fazer a denúncia do desrespeito e do ultraje ao ser humano que são postos em prática em tempos de autoritarismo. (LUZIA DE MARIA, 2005, P.306).

O louco, portanto não é somente a figura do doente mental. Em *O grande Mentecapto* Fernando Sabido faz uma crítica chamando atenção para todos aqueles que se rebelam contra as leis estabelecidas dentro de uma sociedade; como é o caso de Viramundo, visto como louco, por ser diferente e por seguir seus próprios valores e ideais de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os estudos realizados por Foucault (1978) e Pereira (1982) percebemos que a loucura é uma manifestação da sociedade contra aqueles que se posicionam de maneira contrária as regras por ela estabelecidas como “normais”.

Assim procuramos analisar o personagem Viramundo sobre o prisma da loucura, retratando assim como a loucura é vista pela sociedade, desde o seu surgimento e sua evolução com o passar dos anos.

Também abordamos a construção da personagem e sua classificação, para assim estudarmos os comportamentos do personagem Viramundo, o que nos deu suporte para a análise.

Ao final do estudo chegamos à conclusão de que a loucura é vista pela sociedade como atitude “anormal” tomadas por um determinado indivíduo, como algo ameaçador, que foge às regras por ela estabelecidas, e que precisa ser curada de qualquer maneira. Observamos que Viramundo era visto como louco por todos com quem se deparava em suas andanças, apenas por não seguir regras estabelecidas pela sociedade e ainda que, de forma velada, sofria preconceitos devido a sua condição social vivida e pelos valores que cultivava.

Um dos melhores ingredientes da narrativa está na comicidade com a qual Fernando Sabino conduz o livro, relatando a vida do personagem Viramundo, usando o humor como crítica social o autor revela desigualdades e preconceitos que sofrem os menos privilegiados. Viramundo é apresentado como pobre e ingênuo, desapegado aos bens materiais, um peregrino das cidades de Minas Gerais à maneira de um Dom Quixote.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. 5.Ed.São Paulo:ÁTICA,1993.

CANDIDO, Antonio [et. Al]. **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CONY, Carlo Heitor, **Folha de São Paulo**, 13/10/2004.

FOUCAULT, Michel. História da Loucura na Idade Clássica, São Paulo, Perspectiva, 1972.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**, 4. Ed. São Paulo, ÁTICA, 1997.

MARIA, Luzia de.**Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira**, São Paulo, Escrituras, 2005.

PEREIRA, João Frayze. **O QUE É LOUCURA**, 3 Ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.

PICCHIO, Luciana Stegagno. História da literatura brasileira, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997.

SABINO, Fernando. **O Grande Mentecapto**, 64 Ed. Rio de Janeiro, Record, 2004.

SABINO, Fernando. ANDRADE, Mário de. **Cartas a um jovem escritor e suas respostas**. Rio de Janeiro, RECORD, 2003.

Webgrafia:

<http://www.revista.agulha.nom.br/fernandosabino.html>

NETO, Alcino Leite. Folha online, 06/07/2003.

ANEXOS

ANEXO A – Foto de Fernando Sabino



ANEXO B –Capa do livro

Fernando Sabino

O Grande Mentecapto

Relato das aventuras e desventuras
de Viramundo e de suas inenarráveis
peregrinações.

Romance

64ª Edição

085

